



MOLÉSTIAS DO CORPO E DA ALMA: a medicina teológica de francisco de melo franco

Fernanda Soares Rezende
Mestranda em História
UFG
fernanda.soares.ufg@gmail.com

RESUMO

Minha pesquisa se encontra na área da história da saúde e doenças em Goiás no século XVIII com destaque para a História regional do Brasil. De modo que, pretende analisar o livro *Medicina Teológica*, obra em que o médico Francisco de Melo Franco¹, defende a necessidade do conhecimento da natureza dos nervos, da sua estrutura e disposição para que assim possa haver o tratamento dos vícios humanos. O livro fornece um repertório de conhecimentos sobre as causas físicas das paixões humanas com a finalidade de instrumentar a intervenção dos chamados médicos de almas.

PALAVRAS-CHAVE: Moléstia, corpo e alma.

ABSTRACT

My research is in the area of health and disease history in the eighteenth century Goiás highlighting the regional history of Brazil. So, you want to analyze the book *Medicine Theological*, work in which the doctor Francisco de Melo Franco, calls for the knowledge of the nature of the nerves, their structure and layout so it can be the treatment of human vices. The book supplies a repertoire of knowledge about the physical causes of human passions in order to instrument the intervention of the souls of doctors called.

KEY WORDS: Disease, Body and Soul .

INTRODUÇÃO

Parto do problema de que o discurso teológico vigente admitia uma estreita união entre o corpo e a alma. Por tal motivo, a salvação da alma dependia da saúde do corpo. Assim, de acordo com Francisco Melo, os acidentes da alma encontram-se estritamente ligados aos acontecimentos dos nervos e que o maior problema incidia sobre a violência das paixões, uma vez que estas ocasionam os chamados “sintomas nervosos”.

¹ Nasceu na cidade de Paracatu em Minas Gerais no ano de 1757, iniciou seus estudos aos 12 anos de idade, no Seminário de São Joaquim na cidade do Rio de Janeiro e os concluiu em Coimbra, onde se tornou bacharel em medicina. Francisco de Melo obteve grande sucesso como clínico em Lisboa e assumiu o cargo de médico do Paço. Sua morte ocorreu próximo a Ubatuba, durante uma viagem marítima de Santos para o Rio de Janeiro.



Assim, os manuais de medicina publicados em Portugal na segunda metade do século XVIII indicam o empenho de divulgar preceitos de conservação de saúde entre a população, havendo uma reciprocidade entre a higiene pública e privada. De acordo com Abreu²:

a publicação de tratados médicos em Portugal se incluía, a semelhança do caso espanhol, entre os esforços da elite ilustrada em promover a saúde das populações e a reforma dos costumes por meio de preceitos higienizadores. A divulgação dessas orientações se fazia acompanhar de medidas administrativas, o que indica uma tentativa por parte das autoridades de colocar em prática certas orientações da medicina.

O presente trabalho busca apreender como Melo Franco percebe a relação de interdependência entre a chamada “medicina do corpo e da alma” no contexto do século XVIII. Assim, tem por objetivo analisar como o referido autor em sua obra, buscava um novo entendimento do corpo, que suplanta as concepções acerca da enfermidade, valorizando a higiene, a medicina orientada para a família e a educação do corpo.

METODOLOGIA

Este trabalho versa sobre a historicidade do documento histórico, bem como o lugar e o momento histórico em que o livro *Medicina Teológica* foi escrito. De modo que, o procedimento se compõe de forma comparativa e interpretativa dentre ascorrentes historiográficas vigentes.

Procederemos à compreensão da historicidade da presente fonte, o lugar e o momento histórico em que foi produzida. Identificaremos e registraremos as referências relacionadas à autoria, a elaboração, a produção e a forma de reprodução e divulgação da obra pesquisada.

Assim, o trabalho seguirá o seguinte roteiro:

1. Introdução
2. Francisco de Melo Franco: entre a fé e a razão

²ABREU, Jean Luiz Neves. *Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*. 1. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011. v. 1. p.220



3. A formação profissional
 - A medicina ensinada na Universidade de Coimbra
 - Academia Real de Lisboa
4. Medicina Teológica: as moléstias do corpo e da alma
5. Considerações Finais

OBJETIVOS

Avaliar as concepções de saúde e doenças vigentes na época; Analisar a intervenção da medicina nos ofícios religiosos; Perceber as rupturas entre a religião e o saber médico de fins do século XVIII; Entender o quadro de mudanças da ciência hipocrática na segunda metade do século XVIII; Mostrar que Francisco de Melo Franco, na sua obra, buscava um novo entendimento do corpo, que suplanta as concepções acerca da enfermidade, valorizando a higiene, a medicina orientada para a família e a educação do corpo; Apreender a historicidade das doenças relacionadas aos acontecimentos humanos; Mostrar que por intermédio da investigação da história das doenças é possível apresentar um panorama mais amplo sobre a história de Goiás nos séculos XVIII e XIX, que abarque as conotações políticas, sociais, econômicas, psicológicas, biológicas, entre outros aspectos.

DISCUSSÃO E RESULTADOS:

A análise desta obra nos permite identificar as teorias médicas vigentes em Portugal no século XVIII e avaliar as influências que os teóricos ilustrados e a reforma do ensino da Universidade de Coimbra exerceram tanto sobre a formação dos médicos, quanto sobre as formas de perceber o corpo humano, as causas das doenças e as terapias curativas.

Percebemos através do arrolamento da bibliografia sobre o tema, que o discurso teológico vigente admitia uma estreita união entre o corpo e a alma. Por tal motivo, a salvação da alma dependia da saúde do corpo. Cabia ao médico, por meio das práticas curativas vigentes, restabelecer o equilíbrio interno do corpo. Assim, de acordo com Franco de Melo, os acidentes da alma encontram-se estritamente ligados aos acontecimentos dos nervos e que o maior problema incidia sobre a violência das paixões, uma vez que estas ocasionam os chamados “sintomas nervosos”.

O autor, afirma que todo amor é sempre uma doença e que os males causadores por ele consistem no prejuízo das fibras nervosas produzindo inúmeras mudanças corporais. Todavia, os remédios para os males do amor deveriam agir diretamente nos nervos, e seria como uma espécie de penitência moral materializada em preparo químico. Dessa forma, pode-se perceber que o autor, apresentou uma nova perspectiva de pesquisa sobre o humano, onde o corpo e a alma encontram-se intrinsecamente interligados.

De acordo com Jean Luiz Neves Abreu³, a definição do termo doença no século XVIII sugere a relação entre fatores de “ordem natural” e de ordem “teológica”. Bluteau⁴ afirmava que a doença é uma “indisposição natural, alteração do temperamento, que ofende imediatamente alguma parte do corpo” e, ao mesmo tempo, considerava “as doenças filhas do pecado, e mães da morte”.

Através do conceito de doença desenvolvido por Bluteau, é possível analisar como a Igreja conciliou o discurso tanto de Hipócrates, Avicena como o de Galeno a partir da perspectiva religiosa. Nesse sentido, foi a partir do contato com os textos dos respectivos autores, que os padres ligados a Igreja apropriaram-se da teoria dos humores e procuraram explicar o desequilíbrio humoral a partir de preceitos teológicos. Todavia, de acordo com a concepção teológica, o desequilíbrio dos humores apresentava a sua origem no pecado, uma vez que foi a partir da associação entre o saber médico e a ideia de doença como castigo, que se constituiu a “teologia medicinal”.

Este conceito demonstra a tentativa da Igreja de conciliar as teorias médicas disponíveis na época com a expectativa cristã sobre as doenças. Ao lado da ideia de que as enfermidades resultavam da ação de Deus, a teoria dos humores foi uma das concepções que por sua vez exerceria uma grande influência no diagnóstico e no tratamento das enfermidades no mundo luso-brasileiro.

³ABREU, Jean Luiz Neves. *Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*. 1. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011. v. 1. 220p

⁴ Verbete “humor” In: BLUTEAU, Raphael. Op. cit., p. 76-77.

Deste modo, a patologia humoral está diretamente associada à concepção de que o corpo humano é concebido como um microcosmo por conter em si as qualidades dos quatro elementos da natureza. Assim, de acordo com Hipócrates, o corpo era constituído por quatro humores, sendo eles: o sangue, fleuma, bile amarela e negra.

Nessa perspectiva, a concepção do corpo como máquina sobre a qual apenas o médico tinha acesso, também serviu de base para estabelecer a relação entre as doenças e as alterações de certos órgãos. Destarte, a doença passava a ser entendida como parte da mecânica do corpo, sendo que por meio dos mecanicistas, o corpo era mantido vivo não por causa das forças vitais, ou espíritos, ou almas, mas sim pela relação de suas partes mecânicas.

Nesse sentido, a saúde do corpo era entendida como harmonia das faculdades, que representavam o seco, o frio, o quente, o amargo, o doce, entre outros, e como mistura equilibrada das qualidades dos humores, enquanto a doença era explicada como o excesso de uma determinada qualidade.

Nessa perspectiva, a concepção do corpo como máquina sobre a qual apenas o médico tinha acesso, também serviu de base para estabelecer a relação entre as doenças e as alterações de certos órgãos. Deste modo, a doença passava a ser entendida como parte da mecânica do corpo, sendo que por meio dos mecanicistas o corpo era mantido vivo não por causa das forças vitais, ou espíritos, ou almas, mas sim pela relação de suas partes mecânicas.

É importante destacar que a medicina Hipocrática não é detentora de todo o saber, uma vez que falta em Hipócrates um conhecimento específico do corpo humano, pois este ignorava que o homem era uma espécie de máquina hidráulica, sobre a qual a vida consiste no equilíbrio entre a ação dos sólidos e fluidos, sem distinguir a força viva da elasticidade, e sem mesmo os conhecer. Francisco de Melo Franco ao longo do livro *Medicina Teológica* descreve a concepção do equilíbrio do corpo, remetendo-se regularmente aos princípios hipocráticos.

Juntamente com a “saúde dos povos”, os médicos se dedicaram em promover a instrução das famílias sobre os cuidados necessários com relação ao corpo, uma vez que a preservação da saúde corporal implicava seguir uma série de regras relacionadas ao regime do

bem viver. Sendo que este consistia tanto na escolha como na quantidade das coisas não naturais necessárias para a cura das enfermidades. É importante ressaltar, que as causas não naturais são o ar, os alimentos, o sono e a vigília, a quietação e o exercício das excreções retidas, ou evacuadas, e as paixões da alma.

Melo Franco elabora considerações importantes a esse respeito. Citando deste modo, as Escrituras Santas para demonstrar que a sobriedade era um remédio para a conservação da alma e do corpo; porque a gula sempre foi, caracterizada, como a causa não só de todas as enfermidades corporais, mas também das espirituais. Explicando deste modo, em termos médicos os problemas causados pelo consumo excessivo dos alimentos, pois este “oprime o estômago, diminui a sua força, o quilo fica cru pela insuficiência da linfa gástrica”⁵.

No entanto, o autor assume uma posição contrária à prática aconselhada pela Igreja sobre a imitação dos jejuns dos santos. Pois ao teólogo cabia o papel de decretar a consciência e instruir como se alcançar a graça divina para curar o ânimo, já o médico era incumbido da tarefa de curar o corpo. Melo Franco, apresenta em seu livro o capítulo intitulado “*A bebedice é uma grande enfermidade que nunca se cura com remédios morais e dificilmente com os físicos*”, promovendo uma discussão sobre os efeitos das bebidas alcoólicas sobre a fisiologia.

Os transtornos da alma eram diversos e deviam ser atacados a partir de drogas que atuavam sobre os nervos, fossem aquelas antiafrodísíacas ou vitriólicas, interpoladas com absorventes e alcalinos. Para Melo Franco, a saudade é caracterizada como doença do amor em geral: “Um grande amor, uma grande saudade, uma grande cólera, quase sempre são sintomas nervosos mais funestos e horríveis”. A saudade simples não apresenta maiores dificuldades. A pior de todas é a saudade complexa, seguida por febre terçã e outros graves sintomas.

É de grande importância para o discurso médico debater sobre outras temáticas referentes ao corpo, como é o caso da sexualidade. Sendo que no mundo luso-brasileiro, a Igreja e a medicina atuaram como normalizadoras das práticas sexuais, pois enquanto aos padres cabiam os cuidados com a alma, os médicos deveriam se ater às doenças associadas à sexualidade.

⁵FRANCO, Francisco de Melo. Medicina Teológica, p. 139.



A luxúria, por sua vez, poderia provocar a tristeza do coração, sintoma que em sua versão mais aguda é capaz de levar à melancolia. No entanto, ao mesmo tempo em que a medicina proporcionou a criação de medicamentos com propriedades afrodisíacas, a condenação aos prazeres do corpo e a visão patológica em torno da sexualidade tornavam-se comuns em inúmeros tratados médicos dos séculos XVIII e XIX, fazendo-se presente a concepção do amor sexual como capaz de produzir inúmeras enfermidades no organismo.

Deste modo, as paixões da alma eram caracterizadas como causadoras de muitas doenças e enfermidades, A paixão, por sua vez, continuava a promover enfermidades, mas essas passavam a ser explicadas à luz da máquina visível do corpo humano. Para Franco, os remédios excepcionalmente morais seriam inúteis uma vez que seria ineficiente agir apenas na alma. De forma que, orações, jejuns e disciplinas de nada valem. Ao invés de considerar o corpo um mero escravo rebelde da alma, o confessor deve aprender as leis que regem seu funcionamento. Assim, não basta ser apenas médico de almas, uma vez que este deve necessariamente remediar o corpo.

A partir da presente perspectiva, Melo Franco defende que os remédios exclusivamente morais seriam inúteis porque seria ineficiente agir apenas na alma. Orações, jejuns e disciplinas de nada valem. Ao invés de considerar o corpo um mero escravo rebelde da alma, o confessor deve aprender as leis que regem seu funcionamento. Assim, para Franco, a salvação da alma passaria a depender da saúde do corpo. E, por conseguinte, o confessor deveria também administrar remédios físicos, sem os quais não haveria mudança real de hábitos e, muito menos, perfeita cura espiritual.

A medicina teológica de Franco pode ser pensada como um projeto cujo objetivo era naturalizar a medicina da alma, visto que os resultados permaneceram numa espécie de meio caminho. Eles não deixam de indicar, entretanto, qual a direção almejada. Embora centrada no exame do corpo, essa nova maneira de entender e praticar o tratamento de psicopatologias conservou um forte conteúdo moral.

Destarte, a partir da análise da obra de Francisco de Melo, podemos perceber que o respectivo autor oferece um repertório extenso de ideias sobre como a questão do amor passou a ser abordada pela medicina na passagem do século XVIII para o XIX.

CONSIDERAÇÕES

Apesar de ter sido escrita para um público em específico, os confessores, o autor enfatiza que são os médicos que detêm os conhecimentos para curar os vícios, propondo que as doenças da alma – os vícios e as paixões – deviam ser avaliadas e tratadas não sob uma perspectiva exclusivamente teológica, mas, também, psicossomática. Para Melo Franco, o tratamento deveria ser aplicado tanto ao corpo, quanto à alma, alcançando-se, assim, a cura.

Assim, Melo Franco torna patológico não apenas o amor humano, mas também o divino, pois considerava que as Escrituras Santas estavam repletas de exemplos que “provam a languidez e a desfalência, que em muitas almas pias produziu o amor divino”⁶. Deste modo, o ato de vislumbrar o amor como uma patologia ocorria em termos fisiológicos, pois a loucura que dele decorre é produzida pela degeneração das fibras nervosas.

O autor considera ainda que o amor o responsável por perverter “os fluidos mais principais do corpo”. A ninfomania, por sua vez era outra enfermidade provocada pelo amor, seus sintomas se caracterizam em um delírio melancólico, furioso e lascivo que atacava as donzelas, mulheres solteiras, viúvas e casadas, infeccionadas em decorrência de uma paixão “amorosa, excessiva e carnal”. A principal causa dessa enfermidade convivia na imaginação, que simpatizava “com os nervos que entram na composição dos genitais das mulheres”.

Melo Franco, descreve ainda que as enfermidades do amor variavam em grau. Sendo que em um primeiro momento surgia à nostalgia, atacando o corpo com marasmos e anorexias e em um segundo momento, a enfermidade do amor produzia a eretomania, que passou a ser abordada pela medicina na passagem do século XVIII para o XIX. Deste modo, conclui-se que Francisco de Melo, torna patológico não apenas o amor humano, mas também o divino.

⁶FRANCO, Francisco de Melo. Op. cit., p. 39-42.



Com relação à higiene, o autor retoma a questão dos efeitos do mau uso da sexualidade sobre o organismo. A sua perspectiva aproxima-se da concepção médica galênica e das práticas da moral com relação ao corpo. Deste modo, o médico não associa o amor a um pecado, mas a uma enfermidade provocada pelas fibras nervosas. Além do mais, compartilha da ideia do corpo como “máquina”, que contaminado pelas doenças do amor leva a uma derrocada do sistema nervoso, além de defender a tese da origem orgânica das doenças do amor e de explicar as doenças “morais” em decorrência das paixões que “descompõem a fábrica interior do cérebro”.

Francisco de Melo Franco fez inúmeras ressalvas aos remédios receitados pela Igreja para controlar a satíriase e o furor uterino, uma vez que somente a farmácia podia fornecer os meios necessários para devolver à paz de espírito acalmado a agitação dos humores: “tais são os refrigerantes, os edulcorantes, como o leite, as emulsões de sementes frias, as tisanas apropriadas, os banhos, os anódinos”.

Destarte, Francisco de Melo Franco, em sua obra defende a necessidade de se conhecer a natureza dos nervos para assim, promover o tratamento dos vícios humanos. Realizando deste modo, uma significativa inversão da tradição da medicina da alma. Assim, podemos perceber que o seu organicismo representou uma nova perspectiva de pesquisa sobre o humano. De modo que a obra de Francisco de Melo constitui-se como uma rara contribuição para o debate do saber médico na passagem do século XVIII para o XIX.

REFERÊNCIAS

ABREU, Jean Luiz Neves. A Colônia enferma e a saúde dos povos: a medicina das ‘luzes’ e as informações sobre as enfermidades da América portuguesa. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.761-778, jul.-set. 2007. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8n3/7646.pdf>

ABREU, Jean Luiz Neves. *A educação física e moral dos corpos: Francisco de Mello Franco e a medicina luso-brasileira e fins do século XVIII*. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXXII, n. 2, p. 65-84, dezembro 2006.

ABREU, Jean Luiz Neves. *Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*. 1. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011. v. 1. 220p



ABREU, Jean Luiz Neves. *Higiene e conservação da saúde no pensamento médico luso-brasileiro do século XVIII*. Asclepio. Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia, 2010, vol. LXII, nº 1, págs. 225-250.

BLUTEAU, Raphael. "Humor" Op. cit., p. 76-77.

EDLER, Flávio Coelho; FONSECA da Fróes Raquel Maria. *Saber Erudito e Saber Popular na medicina colonial*. Cadernos ABEM. v.2, 2005.

FREITAS. Lena C. B. Ferreira (org.). *Saúde e doenças em Goiás: uma medicina possível*. Goiânia: UFG, 1999.

DELUMEAU, Jean. *A confissão e o perdão: a confissão católica*. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.

FRANCO, Francisco de Melo. *Medicina teológica*. São Paulo: Giordano, 1994.

HIPÓCRATES. *Conhecer, cuidar, amar: o juramento e outros textos*. São Paulo: Landy, 2002.

LE GOFF, Jacques. *A doença tem história*. Lisboa: Terramar, 1985

PORTER, Roy. *História do corpo*. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Edusp, 1991.

PORTER, Roy, 1946-2002. *Das tripas coração / Roy Poter*; tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Record, 2004.

REVEL, Jacques e PETER, Jean-Pierre. *O Corpo: o homem doente e sua história*. In: *História: Novos Objetos*. LEGOFF, Jacques e NORA, Pierre (Org). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

SCLIAR, Moacyr. *História do conceito de saúde*. PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 17(1): 29-41, 2007.

SILVA, Inocêncio Francisco da. "Medicina Theologica". In: *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1859-60. v. 7.